

## **GÊNERO, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: VISÃO DOS ALUNOS EM UMA ESCOLA PÚBLICA, EM BALSAS-MA**

Leonardo Mendes Bezerra; Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho; Laíra de Cássia  
Barros Ferreira Maldaner

*Universidade Estadual do Maranhão – e-mail: lydimio@live.com*

*Universidade Estadual do Maranhão – e-mail: anacris.brito@hotmail.com*

*Universidade Estadual do Maranhão – e-mail: laira\_de\_cassia@yahoo.com.br*

### **Introdução**

O trabalho que segue é o resultado de uma oficina pedagógica desenvolvida numa Unidade Escolar Estadual situada em Balsas-MA que teve como objetivos apresentar os mais variados posicionamentos e opiniões a respeito do gênero no contexto escolar e social; Potencializar a capacidade interpretativa dos alunos; Desenvolver a reflexão crítica nos alunos.

Escolheu-se a referida temática para ser trabalhada com os alunos do ensino médio, pois, de acordo com Louro (2000) e Costa (2008), o corpo é a base fundamental do ser humano estar em contato com o mundo, de lidar com as semelhanças e as diferenças por meio da aquisição de hábitos e atitudes na organização da vida humana.

É na construção de noções de corporalidade que se conectam as relações de raça, gênero e classe. Quando se fala nas relações de gênero, fala-se de poder, pois a medida que existem relações entre masculino e feminino estas são diferenciadas e desiguais por manter, a mulher subordinada ao homem, fato este referente a sociedade e a família patriarcal. A postura patriarcal é construída por meio de um modelo masculino de dominação que se justifica no arquétipo viril.

Para trabalhar com a temática “Gênero” com o auxílio da música em sala de aula é preciso, antes de tudo, selecionar uma música para que seja contextualizada com a realidade dos alunos a fim de contribuir no processo de ensino-aprendizagem. A música, de acordo com Godoy (2009) é de grande relevância para favorecer uma aprendizagem significativa por proporcionar o corpo discente vivenciarem sentimentos, emitirem opiniões e desenvolver as capacidades reflexivas, argumentativas e críticas.

Neste sentido, a utilização dos recursos musicais tem a função de dinamizar os procedimentos de ensino e proporcionar aos alunos uma maior capacidade interativa de um aprendizado significativo. A música é um recurso estratégico que contribui de modo significativo para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, reflexivas, críticas e emocionais a fim de proporcionar um desenvolvimento pessoal e de conhecimentos gerais dotados de uma riqueza abrangente.

### **Metodologia**

Inicialmente dividiu-se a turma em dois grupos: os do sexo masculino e os do sexo feminino. Após a divisão dos grupos, os procedimentos metodológicos ocorreram em cinco momentos. No Primeiro momento – A preparação: trabalhado em sala de aula explicando e discutindo sobre o tema gênero e atualidade no Brasil, por meio da técnica “tempestade de ideias”, no Segundo momento – A realização da oficina: Unificou-se duas turmas no pátio da escola e escolheu-se 5 representantes de cada grupo que seriam os mediadores do debate, no Terceiro momento – A apresentação da música e o posicionamento de um dos mediadores de cada equipe sobre o entendimento da música: a música escolhida foi a “Lôra Burra” do cantor Gabriel Pensador, no Quarto momento – O debate de pontos-chave refletidos sobre a música: as perguntas nortearam as indagações e reflexões (1. Existe preconceito contra a mulher? 2. Toda mulher loura é vulgar e burra? Entre outras perguntas) e no Quinto momento – Posicionamento do estagiário, do professor e avaliação dos alunos: itens a serem avaliados (participação, socialização, capacidade interpretativa, associativa, reflexiva e crítica).

### **Resultados e discussões**

Com o desenvolvimento da oficina pedagógica, percebeu-se que os alunos conseguem perceber, de forma geral, a existência de várias formas de violência de gênero e afirmam que elas estão no âmbito doméstico, familiar, social e no trabalho. Estas podem ser manifestadas na forma de agressões físicas, sociais, sexuais e psicológicas. E a Lei Maria da Penha, que visa coibir a violência doméstica contra o sexo feminino com medidas penais para a dimensão desse fenômeno de violência herdada da cultura machista.

Entre os alunos que não conheciam sobre a Lei Maria da Penha, destaca-se que 20% não sabiam nada a respeito e os 80% sabiam de forma superficial. Explicando e esclarecendo sobre o conteúdo dessa legislação, também se discutiu-se que culturalmente a mulher foi vista como o papel de cumprir suas atividades enquanto companheira, de educar os filhos, de perpetuar a espécie, de estar disposta a servir à família, e se lhe for permitido, trabalhar fora de casa. Com isso, os alunos destacaram que essa dominação de uma sociedade paternalista e dominadora pode desencadear a violência contra a mulher que envolve homens e mulheres regrada a preconceitos e discriminações.

Também destacou-se que de forma direta e indireta os discursos dos alunos ainda carregam, em sua essência, a ideologia discriminatória.

*“Mulher foi feita para pilotar fogão e digir tamque de lavar roupa” (Fala do aluno A)*

*“O papel da mulher na sociedade é servir a família, o marido, os filhos” (Fala do aluno B)*

*“Não acho ruim a mulher trabalhar, estudar, mas ela tem que sempre lembrar que os homens são superiores a elas” (Fala do aluno C)*

Em contrapartida, o discurso das alunas defenderam a ideologia feminista e também a ideologia de igualdade de gêneros. As falas a seguir expõe algumas considerações feitas pelas alunas:

*“Nós mulheres temos os mesmos direitos de todos os homens, possuímos inteligência iguais e, em alguns casos melhores do que as de vocês. Sempre por traz de um grande homem tem sempre uma grande mulher para ajudar, para incentivar. A mulher sempre está dos grandes homens e os homens não estão próximos das grandes mulheres” (fala da aluna 1)*

*“Chega! Já fomos muito menosprezadas. Essa herança é triste. As mulheres tem muito valor. Vejam as notícias na televisão, sempre tem mulheres que se destacam, lembram na aula de química? – Mary Kury se destacou, estudou, virou cientista, por que nós não podemos nos destacar?”(fala da aula 2)*

*“Sonho um dia que as mulheres serão plenamente respeitadas. Cansei de presenciar abuso psicológico contra a mulher” (fala da aula 3)*

Mesmo destacando essas falas dos alunos e das alunas, percebe-se que não são todos os alunos que possuem uma ideologia arraigada no preconceito contra as

mulheres, alguns apresentaram preconceitos contra homoafetivos, outros não demonstraram nenhum tipo de preconceitos. Tivemos alunos que saíram em defesa das mulheres, conforme explicitado na fala a seguir:

*“não é só porque sou homem que vou desvalorizar a mulher, fui educado para respeitar todos os seres, incluindo os humanos, todos nós temos nossas capacidades, nossos desafios. E a onda do momento é discutir e aprender, aprender mesmo, sobre os valores e os respeito, sejam eles respeito as mulheres, respeito aos gays, as pessoas mais velhas etc.” (Fala do aluno E)*

Percebe-se a urgência em desenvolver mais atividades disciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares com a temática gênero e violência contra a mulher, pois o estudo sobre o gênero e o feminismo possibilita a compreensão de uma forma diferentes da que se predominou por muito tempo. Araújo (2005) informa que a separação entre sexo e gênero e, a ideia de gênero como um constructo, algo elaborado socialmente, altera de forma drástica a concepção desse campo, passando-se a relacioná-lo a todas as consequências e implicações históricas, sociais e ideológicas a que de fato pertence.

Com o desenvolvimento da oficina na escola, percebeu-se que os alunos ainda possuem uma visão preconceituosa em relação a mulher. Neste sentido, Castro (2015) informar sobre a necessidade da escola em assumir as diferenças, que não discrimine e que tenha uma postura de acolhimento, acima de tudo, promovendo a construção de uma sociedade mais humanizada.

Louro (2003) destaca a importância em preparar os professores para essas urgências da atualidades, pois com a capacitação dos professores o ensino se remete a uma nova forma de educar e de instruir. Muitas vezes percebe-se a existência de um silenciamento perante a diversidade existente, e um olhar que não quer olhar, para uma realidade vivenciada e colocada no convívio social e educacional.

Capacitar os professores, e também formar novos professores para atuarem na educação básica é um dos papéis das universidades. Assim, é nessa visão que os professores universitários devem preparar, na formação inicial, os professores para atuarem nas escolas, a fim de proporcionar uma educação autônoma, ética, emancipadora, caminhando na condução da busca incessante dos meios holísticos para produzir conhecimentos significativos, caminhos estes que propicie orientar e ser

orientado, na busca da elaboração de uma epistemologia do conhecimento que visa conhecer para se conhecer.

### **Conclusão**

Percebeu-se que a temática apresentada na oficina foi, de certa forma, desafiadora, pelo fato de despertar nos alunos relações tumultuadas e de ideologias diferenciadas sobre gênero. No início da aplicação da oficina pedagógica percebeu-se que os alunos ficaram eufóricos e alguns deles perguntaram “vai valer nota? Como vai ser?”

Ao organizar a turma para a aplicação da oficina foi muito gratificante, pois os alunos interagiram. Isso foi muito produtivo para a comunidade escola e para o estagiário, pois cabe ao Professor-pedagogo encarar o processo de ensino e aprendizagem de modo interdisciplinar, transdisciplinar e/ou multidisciplinar como elemento enriquecedor e que favoreça uma aprendizagem significativa.

Constatou-se que as condições geradas pelos embates ideológicos e das relações sociais ocorreram de forma tumultuada em que o agressor e a vítima estão ligados pelo domínio masculino o qual mantém o controle o poder sobre as mulheres. Mesmo vivenciado discussões, hábitos e atitudes em que cada vez as demandas de gênero são apresentadas publicamente, ainda se clama por visibilidade e direito social. É necessário educar para o respeito e acolhimento à diversidade, e a escola assume, de forma geral, um papel fundamental no desenvolvimento de todos os setores e de todos os atores sociais.

### **Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, M. de F. Diferenças e igualdades nas relações de gênero: revisando o debate. In: **Psicologia clínica**. vol.17 n.2 Rio de Janeiro, 2005.

BRASIL. Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília:MEC, 1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n 2/2002**, de 19 de fevereiro de 2002. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC. 1997.

CASTRO, R. G. **Educação para a Sexualidade**. Brasília, 2015.

FEM. **10º relatório sobre a desigualdade de gênero do Fórum Econômico Mundial**. 2015.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**- Uma perspectiva pós-estruturalista.. Petrópolis: Vozes, 2003.

REIS, D. F. Ideias subversivas de gênero em Beauvoir e Buttler. In: **Sapere Aude**. Belo Horizonte, v.4 - n.7, p.360-367.

VYGOTSKY, L. **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999